

AS ANTIGAS FORTALEZAS GREGAS: BREVE REVISÃO DOS ESTUDOS

ANCIENT GREEK FORTIFICATIONS: A BRIEF REVIEW OF THE STUDIES

Viviana Lo Monaco*

Resumo

Os gregos antigos do período arcaico (VII-VI séc. a.C.) identificavam a muralha da cidade com a própria fortaleza, mas já em época clássica (V-começo IV séc. a.C.) esta era considerada uma edificação autônoma com a finalidade de controlar e defender a *khóra*. No V séc. a.C., apareceu pela primeira vez nas fontes literárias a palavra *frúrion*, posto fortificado, que foi usada ao longo dos séculos com acepções diferentes. O interesse dos estudiosos para com as fortalezas do mundo grego começou no séc. XIX e desde então a produção bibliográfica se especializou cada vez mais. Apresentamos aqui uma breve revisão dos estudos sobre arquitetura militar no mundo grego antigo.

Palavras-chaves: Grécia antiga. Arqueologia e História. Fortalezas gregas. *Frúrion*.

Abstract

Ancient Greeks from Archaic period (7th-6th century B.C.) identified the wall of the city with the own fortification. At Classical period (5th-beginning of 4th century B.C.) fortresses are considered autonomous buildings with the purpose of controlling and defending the *Chora*. In 5th cent. BC the word *phrourion*, fortified place, appeared for the first time in literary sources and it was used along centuries with different meanings. The interest of the scholars for the Greek fortresses begin in 19th cent. and since that time bibliographical production became more and more specialized. We present here a brief review of the studies about military architecture in ancient Greek world.

Keywords: Ancient Greece. Archaeology and History. Greek Fortifications. *Phrourion*.

No grego antigo a palavra *frúrion* (φρούριον, -ου), que significa fortaleza, aparece pela primeira vez nas fontes literárias apenas a partir do V séc. a.C. Na literatura da época arcaica, a palavra para indicar as defesas da cidade era *teikhos* (τείχος, -ου), que significa seja muralha seja fortaleza (FREDERICKSEN, 2011), sendo que para os antigos entre as duas não havia diferença. A fortaleza, entendida como estabelecimento com o escopo precípua de defender o território

* Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e ex-bolsista FAPESP. E-mail: vivianalomonaco@usp.br.

da pólis, é um conceito que se reforça no âmbito da guerra do Peloponeso e da expansão de Atenas, ou seja, no V séc. a.C. Nessa época, a Ática era provida de uma rede de postos fortificados, estrategicamente distribuídos, que controlavam as vias de comunicação e protegiam a *khóra*¹. É importante destacar que não todas as cidades da Grécia antiga eram protegidas por muralhas ou usavam construir postos defensivos; de fato, existiam também cidades *atéikhistoi* (ατείχιστος, -ov), ou seja, sem muralha: é o caso, por exemplo, de Elis e Esparta, ambas no Peloponeso.

Nas regiões do Mediterrâneo em que os gregos assentaram suas apoikias² o conceito de fortaleza e, por consequência, a palavra *frúrion* assumiram nuances diferentes. No contexto do apoikismo³, por sinal, todos os conceitos e as ideias passam por um processo de transformação, de adequação a uma nova realidade, determinado, sim, por uma geografia diferente, mas sobretudo pelo encontro com as comunidades locais, que tinham uma outra estrutura social, uma outra maneira de assentar-se no território e de organizar as suas cidades. Os *ápoikoi*⁴ encontram-se na necessidade de estender e depois defender as *khórai* por meio de alianças, tratados e instalações defensivas. Essas eram construções novas (como no caso de Casmene e Akrai, no território de Siracusa, ou Monte Palazzi, no território de Locri Epizephirii) ou eram criadas, por meio de negociações políticas, adaptando centros indígenas que se localizavam em regiões estrategicamente importantes.

O interesse pelas fortificações das cidades gregas começou no âmbito das explorações empreendidas pelos viajantes do *Grand Tour*⁵, no começo do séc. XIX. Lembramos de particular interesse os relatos de William Leake e de

¹ *Khóra* (plural: *Khórai*): «Espaço de terra delimitado; na pólis, território; o campo em oposição à área urbana, local onde eram realizadas as atividades produtivas; abrigava, por exemplo, fazendas, santuários extra-urbanos» (LABECA, 2010).

² Apoikia (plural: Apoikias): «Cidade fundada por grupo de imigrantes gregos, sobretudo a partir do VIII séc. a.C. As apoikias mantinham relação religiosa e moral com as cidades que as haviam fundado, mas eram completamente independentes do ponto de vista político e econômico» (LABECA, 2010).

³ Termo usado para indicar o fenômeno (que começou no séc. VIII a.C.) da difusão de fundações gregas para fora da Grécia Balcânica, conhecido mais comumente com o termo “colonialismo grego”. Vem da palavra grega “apoikia”, nome com que as fontes antigas chamavam tais assentamentos e que significa “a casa longe de casa” (veja-se nota 2).

⁴ *Ápoikos* (plural: *Ápoikoi*): «Aquele que vem se estabelecer em um novo lugar, em uma apoikia» (LABECA, 2010).

⁵ O *Grand Tour* (palavra francesa que significa “Grande Viagem”) era uma longa viagem dos jovens aristocratas pela Europa. Essa prática, que iniciara no séc. XVII, podia durar alguns meses ou anos e tinha como finalidade o aperfeiçoamento da educação dos jovens, que conheciam a política, a cultura, a arte e as antiguidades dos países que visitavam. Destinos privilegiados eram a Grécia e a Itália.

Edward Dodwell (WINTER, 1971, p. xiii, notas 1 e 2); eles descreveram com escrupulosa atenção os vestígios das muralhas e dos demais componentes de fortificações das cidades gregas que visitaram. Os estudos que seguiram se limitaram a uma descrição baseada na observação dos vestígios sem mostrar um interesse crítico pelas problemáticas históricas ou pelo desenvolvimento arquitetônico das construções (MAHER, 2012). Entre o final do séc. XIX e a primeira Guerra Mundial, Ferdinand Noack dedicou-se às escavações de muitos sítios arqueológicos, mostrando um interesse particular pela arquitetura; graças a esta atitude, ele deixou relatos detalhadíssimos também das obras de fortificação encontradas durante as escavações (DYSON, 2006; MAHER, 2012). A publicação de A. De Rochas d'Aiglun, *Principes de la fortification antique*, é uma tentativa de abordagem mais reflexiva sobre esse tipo de estudo. Nesta obra, de 1881, d'Aiglun, além de descrever as tipologias das fortificações, faz um levantamento dos tratados antigos sobre poliorcética⁶, de II séc. a.C. até VI d.C.; finalmente, no último capítulo, descreve e comenta as fortificações de algumas cidades do mundo antigo, gregas e romanas. O trabalho mais interessante daquela época, porém, é o comentário à obra de Pausânias (*Pausanias' Description of Greece*) por Frazer (1898). Trata-se de uma obra poderosa em seis volumes, na qual o autor descreve a paisagem, a arquitetura e as obras de arte que se encontram ao longo do itinerário traçado por Pausânias e comenta citando não apenas as suas próprias experiências, mas também os relatos de antiquários e arqueólogos da época. Entre as obras arquitetônicas, as fortalezas com suas muralhas são contextualizadas no território, do qual é descrita com atenção a morfologia e o aspecto. Cinquenta anos mais tarde, Robert L. Scranton publica *Greek Walls*. Esta obra é particularmente importante porque o autor, por meio do estudo e da classificação da tipologia das construções, identifica quatro “estilos” de alvenarias (*Lesbian, Polygonal, Trapezoidal e Ashlar*). Este esforço de classificação traz o mérito de consagrar uma terminologia “oficial” para esta área de estudos. Não obstante os progressos dos estudos, e o crescente interesse, as publicações sobre fortificações antigas até agora expostas apresentam ainda uma abordagem não suficientemente crítica,

⁶ A poliorcética (do grego, *poliorketikón*) é o estudo das técnicas para expurgar fortalezas ou cidades fortificadas. Ele compreende a arte de construir instrumentos e armas para o ataque e a defesa militar, incluso obras arquitetônicas.

limitando-se a desenvolver mais os aspectos técnicos da disciplina do que reflexões de mais amplo alcance. Por isso, a obra que se considera uma referência imprescindível para quem queira empreender o estudo das fortificações gregas é *Greek Fortifications* por Frederick E. Winter, de 1971. O princípio que move o autor é que as obras de fortificação de um assentamento são um componente fundamental da vida da própria cidade. Para ele, as pólis eram muito mais que fortalezas: elas eram unidades sociais, políticas e econômicas, regidas por fatores que também influenciaram o desenvolvimento da poliorcética grega e dos sistemas defensivos em períodos diferentes (WINTER, 1971).

Winter não trata apenas dos aspectos técnicos, mas também aprofunda o contexto histórico e a reflexão sobre as implicações da escolha do lugar para o assentamento: acesso fácil aos recursos, água e comida, e a preocupação com o componente estratégico da localização. Os aspectos técnicos são tratados de maneira sistemática e com muita atenção, e também acompanhados por mapas e representações gráficas. Realçando as pegadas de Winter, outros pesquisadores se aproximaram com esta abordagem à área de estudo. De 1974 é a publicação de Garlan, *Recherches de poliorcétique grecque*. Como o próprio título sugere, a obra focaliza o aspecto geral da estratégia militar, desde a época clássica até a helenística, na Grécia balcânica e na Ocidental; isso é desenvolvido segundo uma ordem cronológica e de maneira sistemática. O autor trata das técnicas de combate, do armamento dos soldados, das táticas militares e do desenvolvimento da arquitetura defensiva das muralhas e dos seus componentes: as torres, as portas, o fosso, etc. De 1986 é a publicação das atas do Convênio *La fortification dans l'Histoire du monde grec*, no qual se encontram vários estudos sobre fortificações gregas pelos mais ilustres arqueólogos no âmbito como Winter, Garlan, Snodgrass, Tréziny, Adamesteanu, Mc Nicoll e muitos outros (TRÉZINY; LERICHE, 1986). A partir dos anos 1980, portanto, os estudos sobre tal assunto se multiplicam e são publicados muitos trabalhos que tratam de maneira mais específica determinadas áreas geográficas e/ou épocas da história grega. Entre elas, lembramos *L'architecture militaire grecque* de 1981 por Jean-Pierre Adam, sobre a fortaleza helenística de Kydna, na Lícia; *Hellenistic Fortifications from the Aegean to the Euphrates*, de

1997, por McNicoll; *Greek City Wall of the Archaic Period*, de 2011, por Fredericksen. Esta última publicação apresenta, acreditamos, uma abordagem inovadora em comparação com as publicações precedentes. O autor traça as tipologias de fortificações em relação ao tipo de assentamento (cidade, porto ou aldeia) e à *khóra*; aprofunda também o aspecto da preservação dos vestígios e a maneira em que a arqueologia deve se aproximar ao seu estudo. Como aluno de Hansen, é evidente a preocupação com o uso correto da terminologia e o entendimento dos conceitos pelos antigos, por isso ele examina as fontes escritas e as artes visuais da época arcaica, seguindo a mesma metodologia do *Copenhagen Polis Centre*, referência importante na nossa pesquisa. O último capítulo, antes do catálogo, é uma análise e uma discussão da distribuição das fortificações na época arcaica no mundo grego. Cabe também apontar a pesquisa de M. Maher sobre as fortificações da Arcádia. Na sua tese de doutorado (MAHER, 2012) – publicada depois como capítulo de livro (MAHER, 2015) – o autor divide a região objeto da pesquisa por áreas e analisa metodicamente cada cidade, para concluir com uma reflexão crítica sobre todas as partes que compõem as fortalezas, o contexto delas na paisagem e no período histórico tratado. Finalmente, entre os trabalhos mais recentes, lembramos os do *German based international research network Fokus Fortifikation*, cuja atividade envolve a nova geração dos pesquisadores que se dedicam ao estudo das fortificações gregas. Em 2016, foram publicados dois volumes que reúnem as atas de um congresso ocorrido em Atenas em 2012: *Ancient Fortifications: A Compendium of Theory and Practice* (MÜTH *et al.*, 2016) e *Focus on Fortifications* (FREDERICKSEN *et al.*, 2016).

Sobre as fortificações no mundo grego ocidental, muito foi publicado (FIORENTINI, 2009). Entre os arqueólogos que mais se dedicaram à problemática das fortificações das apoikias siciliotas e do mundo indígena lembramos Dinu Adamesteanu (1956, 1983, 1986) e Henry Tréziny (1983, 2010a, 2010b). Este último, em particular, dedicou boa parte das suas pesquisas ao estudo e à discussão sobre a origem e o desenvolvimento da arquitetura militar no Ocidente grego. As apoikias comumente eram protegidas por um circuito de muros, mas também as cidades nativas, em alguns casos, tiveram de se adaptar para desempenhar o papel de fortalezas para controle e

defesa do território. Nesses assentamentos a cultura material é bem heterogênea, sendo composta por produções indígenas e gregas; a própria arquitetura não é facilmente distinguível, já que os dois componentes se influenciaram reciprocamente. Esta condição gera desafios significativos na hora da interpretação e da atribuição de um sítio fortificado:

No mundo colonial do Ocidente, o território da cidade é cercado por pequenos assentamentos indígenas, muitas vezes fortificados, dos quais é difícil dizer se foram ocupados por gregos ou por nativos, e, nesse último caso, se tinha a função de defender o território nativo contra a cidade grega, ou ao contrário a cidade grega contra a agressão externa. É obvio dizer que estas funções podem ter variado ao longo do tempo e que apenas as fontes literárias nos permitem uma interpretação histórica. Os dados arqueológicos só nos permitem dizer (por vezes) se o local foi ocupado por gregos ou por nativos (na Sicília, por Púnicos?), e (com cautela) se as técnicas de construção e defesa utilizadas revelam mais ou menos uma tradição grega. (TRÉZINY, 2010a, p. 557. Tradução nossa⁷)

Considerações finais

As numerosas pesquisas, que muito brevemente foram expostas nesse texto, serviram para identificar os diferentes significados que nos estudos clássicos foram atribuídos às fortalezas do mundo grego. Ainda hoje os debates entre pesquisadores sobre a definição de *frúrion* e as suas interpretações permanecem em aberto (NIELSEN, 2002; DILLON, 2002).

Todavia, a nosso ver, pode-se concluir que na Grécia balcânica, principalmente a partir do séc. V a.C., o *frúrion* é um assentamento com uma função específica e única e não é considerado uma pólis, pois no seu interior havia lugar apenas para o abrigo das tropas e não de uma comunidade cidadã. Os *frúria* eram construídos em lugares propositalmente escolhidos para proporcionar a melhor defesa possível do território e as suas características estruturais, assim como a sua organização interna, eram voltadas unicamente ao cumprimento do seu papel defensivo. Também na Itália meridional o *frúrion*

⁷ Dans le monde colonial d'Occident, le territoire de la cité jouxte de petit établissements indigènes, souvent fortifiés, dont on peine à dire s'ils étaient occupés par des Grecs ou par des indigènes et, dans ce dernier cas, s'ils avaient pour fonction de défendre le territoire indigène contre la cité grecque, ou au contraire celui de la ville grecque contre une agression extérieur. Il va de soi que ces fonctions ont pu varier avec le temps et que seules les sources littéraires nous permettent une interprétation historique. Les données archéologiques nous permettent seulement de dire (quelquefois) si le site était occupé par des Grecs ou par des indigènes (en Sicile, par des Puniques?), et (avec prudence) si les techniques de construction et de défense utilisées relèvent plus ou moins d'une tradition grecque (TRÉZINY, 2010a, p. 557).

era um posto militar, construído pelos gregos na intenção de defender os confins entre as apoikias ou pelos grupos nativos para se protegerem dos ataques externos. Em alguns casos, as técnicas construtivas parecidas e a falta de achados significativos podem criar dúvidas de atribuição, mas em outros o material recuperado assinala claramente a origem do *frúrion*. Já na Sicília nem sempre o *frúrion* é caracterizado por ter uma função tão exclusiva: trata-se muitas vezes de um centro nativo que foi adaptado a posto militar sem perder, todavia, as suas peculiaridades de vila com as suas atividades agrícolas e artesanais.

Referências bibliográficas

- ADAM, Jean-Pierre (1981). *L'architecture militaire greque*. Paris: Picard.
- ADAMESTEANU, Dino (1956). Le fortificazioni ad aggere nella Sicilia centro meridionale. *Lincei-Rendiconti morali*, s. VIII. Roma, v. 11, fasc. 11-12, p. 358-372.
- ADAMESTEANU, Dino (1983). Tipi di fortificazioni in Italia meridionale e Sicilia. In: Scuola Normale Superiore (Pisa); École Française de Rome; Centre de Recherches d'Histoire Ancienne (Besançon) (eds.). *Modes de contacts et processus de transformation dans les sociétés anciennes. Actes du colloque de Cortone (24-30 mai 1981)*. Rome: École Française de Rome, p. 957-962. (Publications de l'École française de Rome; v. 67)
- ADAMESTEANU, Dino (1986). Quadro storico delle fortificazioni greche della Sicilia e della Magna Grecia. In: TRÉZINY, H.; LERICHE, P. (eds.). *La fortification dans l'histoire du monde grec: actes du Colloque international "La Fortification et sa place dans l'histoire politique, culturelle et sociale du monde grec"; Valbonne, décembre 1982*. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, p. 105-110. (Colloques internationaux du CNRS; v. 614)
- DE ROCHAS D'AIGLUN, Eugène Auguste Albert de (1881). *Principes de la fortification antique: précis des connaissances techniques nécessaires aux archéologues pour explorer les ruines des anciennes forteresses*. Paris: Ducher; Tanera.
- DILLON, M.P.J. (2002). Resenha de: NIELSEN, Thomas Heine (ed.). *Even More Studies in the Ancient Greek Polis*. Papers from the Copenhagen Polis Centre, 6. Stuttgart: Franz Steiner. (Historia Einzelschriften; 162). In: *Bryn Mawr Classical Review*, 2004.03.14. Disponível em: <<http://bmcr.brynmawr.edu/2004/2004-03-14.html>>. Acesso em 21 nov. 2017.

DYSON, Stephen L. (2006). *At Pursuit of Ancient Past. A History of Classical Archaeology in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. New Haven; Londres: Yale University Press.

FIORENTINI, Graziella (2009). *Agrigento. V. Le fortificazioni*. Agrigento: Gangemi.

FRAZER, James George (1898). *Pausanias' Description of Greece*. Translated with a commentary. London: McMillan and Co., 6 v.

FREDERICKSEN, Rune (2011). *Greek City Walls of the Archaic Period: 900-480 BC*. Oxford: Oxford University Press.

FREDERICKSEN, Rune; MÜTH, Silke; SCHNEIDER, Peter I.; SCHNELLE, Mike (eds.). (2016). *Focus on Fortifications*. Oxford; Philadelphia: Oxbow Books.

GARLAN, Yvon (1974). *Recherches de poliorcétique grecque. Dessins et relevés de Jean-Pierre Adam*. Atenas: École Française d' Athènes.

LABECA (2010). *Glossário*. Disponível em: <<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>>. Último acesso em: 25 jan. 2019.

MAHER, Matthew (2012). *The Fortifications of Arkadian Poleis in the Classical and Hellenistic Period*. PhD Thesis. University of British Columbia. Disponível em: <<https://open.library.ubc.ca/cIRcle/collections/ubctheses/24/items/1.0072613>>. Último acesso em: 25 jan. 2019.

MAHER, Matthew (2015). In Defence of Arkadia: the City as a Fortress. In: KEMEZIS, A.M. (ed.). *Urban Dreams and Realities in Antiquity Remains and Representations of the Ancient Cities*. Leiden-Boston: Brill, p. 15-45.

MC NICOLL, Anthony W. (1997). *Hellenistic Fortifications from the Aegean to the Euphrates*. Oxford: Clarendon Press.

MÜTH, Silke; SCHNEIDER, Peter I.; SCHNELLE, Mike; STAEBLER, Peter de (eds.). (2016). *Ancient Fortifications: A Compendium of Theory and Practice*. Oxford, Philadelphia: Oxbow Books.

NIELSEN, Thomas H. (2002). Phrourion. A note on the Term in Classical Sources and in Diodorus Siculus. In: NIELSEN, T.H. (ed.). *Even More Studies in the Ancient Greek Polis*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, p. 49-64. (Papers from the Copenhagen Polis Centre; 162).

SCRANTON, R.L. (1941). *Greek Walls*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.

TRÉZINY, Henry (1983). Main-d'œuvre indigène et hellénisation: le problème des fortifications lucaniennes. In: CNRS; EFA (eds.). *Architecture et société de l'archaïsme grec à la fin de la République Romaine: Actes du Colloque international organisé par le Centre national de la recherche scientifique et*

l'École Française de Rome (Rome 2-4 décembre 1980). Roma: École Française de Rome, p. 105-118. (Collection de l'École Française de Rome; v. 66)

TRÉZINY, Henry (2010a). Fortifications grecques et fortifications indigènes dans l'Occident grec. In: TRÉZINY, H. (ed.). *Grecs et indigènes de la Catalogne à la mer Noire. Actes des rencontres du programme européen RAMSES 2 (2006-2008)*. Paris: Édition Errance; Centre Camille Jullian, p. 557-567. (Bibliothèque d'Archéologie Méditerranéenne et Africaine- BIAMA; 3)

TRÉZINY, Henry (2010b). Les fortifications grecques. L'apport de la Grèce d'Occident. *Les dossiers d'Archéologie. Dijon*, n. 342, p. 80-87.

TRÉZINY, Henry; LERICHE, Pierre (eds.) (1986). *La fortification dans l'histoire du monde grecs: actes du Colloque international "La Fortification et sa place dans l'histoire politique, culturelle et sociale du monde grec"*; Valbonne, décembre 1982. Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique. (Colloques internationaux du CNRS; 614)

WINTER, Frederiksen E. (1971). *Greek Fortifications*. London: Routledge and Kegan Paul.